

COLÓ QUIO

A fotografia entre a Ciência, a Arte e a Filosofia

Ana Lourenço Pinto, Carlos M. Fernandes,
Catarina Pombo Nabais, Cristina Azevedo
Tavares, Estela Jardim, Graça Correa, José
Soudo, Liz Vahia, Nicole Alves e Olga Pombo

A fotografia tem sido objeto de várias teorias que a têm pensado com conceitos tão diversos como “aparelho”, na abordagem política e cultural de Vilém Flusser, a dupla “punctum e studium” proposta por Roland Barthes, o psicanalítico “sintoma” de Didi-Huberman, a “aura” (fetiche) de Walter Benjamin, ou o “mundo-imagem” de Susan Sontag.

No entanto, todas as teorias apontam para uma mesma evidência: a realidade complexa da fotografia, as suas várias e intrincadas dimensões. A fotografia tem a capacidade de captar e perceber o mundo, isto é, de, ao mesmo tempo, absorver o mundo e compreendê-lo. Simultaneamente, há na fotografia um jogo fundamental entre a sua (aparente) passividade e o seu poder de transformação do mundo, entre a sua (plausível) imparcialidade e a sua potência crítica. A fotografia tem ainda uma outra dimensão, a de ser um exercício transcendental: ao pensar o mundo, a fotografia pensa-se a si mesma como imagem.

O colóquio “A fotografia entre a Ciência, a Arte e a Filosofia”, realizado na FBAUL, a 26 de Novembro de 2023, pretendeu pensar a fotografia a partir da Ciência, da Arte e da Filosofia. Analisar as teorias, as técnicas e as práticas. Abordar a fotografia científica, a fotografia artística e as novas tecnologias fotográficas. Mas, o propósito central deste foi afirmar que, num mundo repleto de imagens e de múltiplas técnicas de captação e produção de imagem, se impõe, mais do que nunca, pensar a fotografia.

A ideia deste colóquio surgiu no Festival FIC.A – Festival Internacional de Ciência, que teve lugar no Palácio Marquês de Pombal, em Oeiras, a 13 de Outubro de 2021. Na qualidade de curadora da área “Ciência, Arte e Filosofia” do Festival, Catarina Pombo Nabais organizou uma sessão intitulada “Photography in Art, Science and Technology” para a qual convidou

Carlos M. Fernandes, Cristina Tavares e Estela Jardim. A sessão foi tão estimulante e produtiva que ficou a vontade de prolongar e alargar a discussão em formato de colóquio. Constitui-se, assim, uma equipa-base à qual, posteriormente, se juntaram, por convite: Graça Correa, José Soudo, Olga Pombo (no comité científico), e Ana Lourenço Pinto, Liz Vahia e Nicole Alves (no comité organizativo).

Para pensar estas questões, foram convidados inúmeros académicos, artistas e arquivistas, dos quais destacamos o reconhecido fotógrafo inglês de sementes, pólen, gérmen e outras entidades botânicas Rob Kessler como orador principal. Os restantes convidados foram organizados por painéis temáticos. Assim, no primeiro painel “Fotografia e Ciência”, participaram Leonor Sá, Miguel Claro e David Lopes; no segundo “Fotografia e Arte”, Paulo Catrica e Hagi Kenaan; no terceiro “Teoria da Fotografia”, Isabel Nogueira e Pedro Caldas; no quarto “História da Fotografia”, Nuno Resende e Teresa Siza; e no último painel “Práticas da Fotografia”, Filipe Figueiredo, Luís Pavão e Cosimo Chiarelli.

O conjunto de textos resultantes deste colóquio que se publicam nesta revista é dos seguintes autores: Rob Kessler, a dupla Cosimo Chiarelli e Filipe Figueiredo, a dupla David Lopes e Graciela Machado, Leonor Sá e Nuno Resende (a quem agradecemos possibilidade de publicação na revista Revelar).

Como orador principal da conferência, Rob Kessler tem um extenso trabalho sobre o potencial criativo da fotografia científica. No seu artigo “Shifting spectra: Comparative approach to image making in science and art University of the Arts London. Central Saint Martins”, reflete sobre a história da fotografia e o seu papel na ciência e na arte, com especial enfoque na microscopia. Rob Kessler mostra como a microscopia foi uma revolução no conhecimento da natureza e dos microrganismos. Pela primeira vez, o invisível a olho nu pôde ser visto, desenhado, ilustrado, examinado, estudado e que rapidamente se tornou uma zona híbrida tanto para cientistas quanto para artistas - como o zoólogo e artista Ernst Haeckel -, pois cumpre o papel de objetividade científica e experimentação artística.

No que diz respeito à área da Ciência e Arte e aproveitando a sua própria experiência de trabalho em vários laboratórios como artista, Rob Kessler reconhece a importância de adquirir as competências, o conhecimento científico, a linguagem e os procedimentos necessários para trabalhar em microimagem. O artigo também explora a importância da cor,

bem como de novas tecnologias como a inteligência artificial, na abordagem experimental da fotografia, que – como afirma Rob Kessler – deve ser reconhecida como uma forma de arte.

No artigo de Filipe Figueiredo e Cosimo Chiarelli “Pensar a Fotografia como Performance: Notas Preambulares para uma Proposta Metodológica”, os autores consideram que a fotografia teatral, pela sua natureza híbrida, representa um campo particularmente fértil para a reflexão sobre a fotografia em geral. Acima de tudo, a fotografia deve ser entendida como um dispositivo de visão, porque explicita uma série de tensões subjacentes à própria linguagem e ontologia da fotografia. Neste sentido, propõem-se levantar algumas questões intrínsecas sobre a natureza da fotografia a partir do cruzamento da fotografia com o teatro, as artes performativas e a performance: nomeadamente que a performatividade é imanente à imagem fotográfica e ao próprio dispositivo fotográfico; e que devemos pensar no fotógrafo como um performer.

Em «Encruzilhada Fotomecânica», David Lopes e Graciela Machado descrevem uma investigação sobre cromocupografia, um processo de foto-gravação desenvolvido pelo químico português José Júlio Rodrigues e a sua equipa no final do século XIX. Exercitando uma espécie de «arqueologia tecnológica», os autores reconstituíram o método de Rodrigues recorrendo sempre que possível aos materiais identificados nas escassas fontes disponíveis. Comparam também a cromocupografia com a cromolitofotografia de Charles Eckstein, salientando as diferenças e afirmando que o processo de Rodrigues não deve ser considerado uma mera variante do de Eckstein. Para além do levantamento técnico e da execução dos cromocupógrafos, Lopes e Machado reflectem também sobre a importância de processos fotográficos e fotomecânicos antigos e por vezes obscuros na reacção actual à «saturação digital».

Leonor Sá, no texto intitulado “Da rejeição total à atração fatal: o estranho caso do retrato judicial (‘mugshot’) nos setores da ciência, da filosofia e da arte”, trata do retrato judicial, trazendo as contribuições da antropologia, criminologia e medicina desde a segunda metade do século XIX até os dias atuais. A esta visão histórica acrescenta uma dimensão filosófica que lhe permite refletir sobre o significado do retrato judicial e descobrir como este atua como objeto biopolítico de poder. Ela também interpreta como esse tipo de retrato influenciou os artistas dos séculos XX e XXI e qual o impacto que sua apropriação pela TV e pelas redes sociais teve no mundo atual.

O artigo de Nuno Resende "Fotos em Fios? A Fotografia na Literatura de Viagens sobre Portugal (1900-1960)" propõe uma abordagem da fotografia em ligação com a literatura de viagens portuguesa produzida no século passado, em que a fotografia não se limitava à mera ilustração. Investigando o carácter autoral das fotografias e os motivos da utilização de imagens fotográficas, sejam elas comerciais, publicitárias ou literárias, o autor desenvolve uma análise comparativa de 350 imagens fotográficas datadas de 1909 a 1960, para estudar se são utilizadas como ilustração de o texto ou constituir uma narrativa independente.

Vale ressaltar a diversidade de temas e áreas em que estes textos aparecem, demonstrando justamente a riqueza de um pensamento resultante de pesquisas que cruzam as áreas da ciência, da arte e da filosofia com a produção fotográfica.